

**MEMÓRIAS GEOGRÁFICAS À TONA:**  
**Uma retomada da história do Curso de Geografia da UFU a partir de  
uma entrevista com a Profa. Dra. Suely Regina Del Grossi**

**PET Geografia**

**Revista OBSERVATORIUM:** *Qual (ais) a (s) razão (ões) que motivaram você a vir para Uberlândia em 1971 e ministrar aulas no Curso de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia?*

**Suely Del Grossi:** Primeiro, um ímpeto da juventude, pois até então as únicas referências que eu tinha de Uberlândia eram informações de livros de geografia e de um amigo, PE. João Biagione, que havia se transferido para a diocese daqui. Esse amigo me indicou para dar aulas de geografia física na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde se iniciou em 1971, a curso de geografia que mais tarde se tornaria nesse curso atual. Eu havia acabado de me graduar, mas já atuava no ensino fundamental e médio. Nessa época (final da década de 1960), apesar de morar no interior, do regime militar, das dificuldades de comunicação, tínhamos um contato com os estudantes de geografia através da UPEGE (União Paulista dos Estudantes de Geografia), que nos colocava em contato uns com os outros, através dos encontros anuais que promovíamos. Nesses encontros, discutíamos várias questões entre elas a da carreira universitária e, começou aí, meu sonho de se tornar professora universitária. Alguns professores de vocês são dessa época: Marlene, Marilena, Giacomini, Cláudio. Mas voltando a sua pergunta. Eu vim para Uberlândia sem conhecer ninguém, mas vislumbrei a possibilidade de dar aulas do terceiro grau. No primeiro ano (1971), dava aulas aqui somente às sextas-feiras, pois ainda tinha compromissos no interior de São Paulo. Em 1972, resolvi me mudar de vez para Uberlândia, pois havia expectativa de que uma Universidade Federal seria instalada na cidade. Em resumo, eu vim para cá movida pelo ímpeto da juventude, pelo interesse em dar aulas no 3º grau, e ainda hoje falo para os alunos daqui e da católica: “não fiquem aqui, busquem sempre outras possibilidades, outros lugares. O sonho de continuar na carreira de um curso superior nem sempre está perto geograficamente falando”.

**RO:** *O que marcou sua vivência com a primeira turma do Curso de Geografia no período de 1971 a 1974?*

**SD:** Bom, eu vou contar uma historia. Quando cheguei, eu me deparei com uma classe muito numerosa, era uma classe de pessoas mais velhas e acho que dois terços da sala tinham mais idade do que eu. Eram senhoras, casadas, professoras de Geografia no Estado e que não tinham ainda formação específica. Não existia nenhum curso de geografia aqui, aí eu me deparei com uma turma grande, que tinham mais experiência, junto com jovens que tinham os mesmo sonhos que eu. O interessante dessa turma é que criamos um vínculo muito forte, foi o que me fez ficar por aqui. Eu vou citar alguns nomes: a Bené, o Ireneu, a Beatriz, a Vera, a Lezir, que são alguns professores que me sucederam. Eles tinham expectativas de saber, de conhecer, e eu também. A minha sintonia com essa turma foi *amor a primeira vista!* Quando eu cheguei para dar aula na sexta-feira, na aula anterior eles tinham tido uma visão da geografia transmitida por uma colega, que era de um curso difícil e complicado. Sem saber do ocorrido, transmiti outra visão da ciência geográfica. Penso que a partir dessa primeira aula, foi quando começaram os nossos laços. Como minha ligação era com São Paulo, em um primeiro momento, procurei entrar em contato com Minas Gerais. Busquei conhecimento em Araguari, Uberaba, Belo Horizonte, onde existiam cursos de geografia. Entretanto, não consegui aproximação com Belo Horizonte, era longe, era difícil. Então foi ai que resolvi direcionar o curso para os lugares que conhecia em São Paulo. Convidei para a primeira palestra, com a primeira turma, um amigo meu, professor de geografia, Melhen Adas, que veio sem receber nenhum centavo inclusive pagou a passagem do próprio bolso e ficou hospedado no colégio das freiras. Essa primeira palestra, penso que marcou a vida de alguns estudantes, pois ele era uma pessoa muito querida que mostrou os vários caminhos da Geografia. Em seguida, o Professor David Márcio, que é autor de livros didáticos de geografia e muito conhecido em Minas Gerais, veio nos falar sobre a AGB (Associação de Geógrafos Brasileiros), o que entusiasmou os alunos da época. A partir de 1972, outros professores como Walter Caseti e Yara Arantes Porto, compuseram o corpo docente do curso de geografia, contribuindo decisivamente para a qualidade do mesmo. Enfim, os laços que me marcaram com essa primeira turma foram: laços de amizade, afetividade e lealdade que duram até hoje.

**RO:** *Qual sua experiência na Pós-Graduação da USP: Mestrado e Doutorado e os reflexos para o Curso de Geografia?*

**SD:** A USP tem uma tradição que vem desde o início de sua formação, pois já nasceu como uma instituição pública devotada à ciência e à cultura. Ela sempre se preocupou muito com questões teóricas da disciplina e, em São Paulo, eu tinha contato com muitos professores. O mestrado foi muito importante porque era meados dos anos 1970, em uma época muito boa para se estudar em São Paulo, lugar onde todas as coisas aconteciam (discussões políticas, passeatas, conferências, etc). O doutorado foi uma continuidade do mestrado. As experiências nessa instituição trouxeram reflexos para o curso de geografia na medida em que ninguém fica imune ao conhecimento adquirido e a transmissão do mesmo.

**RO:** *O que representa (ou), para você, ver parte de seus alunos tornarem-se professores no Instituto de Geografia?*

**SD:** Acho que era exatamente isso que eu queria desde que eles se formaram na graduação, mas o mérito é todo deles. Eu pude contribuir orientando e indicando as pessoas corretas para eles fazerem pós-graduação. Hoje, quando vejo os trabalhos da Vera e da Beatriz, principalmente, eu fico muito orgulhosa. Alunos de turmas seguintes se tornaram professores brilhantes como os daqui, Adriany, Washington, Paulo César, Vicente, Vitor, e outros que trabalham em diferentes instituições de ensino.

**RO:** *Qual o significado da homenagem que você recebeu do DA da Geografia?*

**SD:** Não dá para falar, não existem palavras! É uma homenagem em vida muito significativa, sendo mérito do seu trabalho e dedicação. Eu fui a primeira professora do curso de Geografia do Instituto, de um jeito ou de outro, tenho uma grande participação nesse curso: o começo na Filosofia, a federalização da UFU, a pós-graduação. É uma homenagem muito significativa, pois mostra que muitas coisas ficaram. O senão é que quase não tenho material autoral para corresponder a essa homenagem, pois na minha

época, tínhamos uma carga horária muito grande e pouco tempo e condições de pesquisa, mas podemos dizer que as ações ficaram no transcorrer desse período todo.

**RO:** *Como tem sido sua atuação na área de Geografia, mesmo depois de ter se aposentado da UFU?*

**SD:** Eu não parei em nenhum instante. Aqui, eu fiquei um período na pós-graduação, mas depois as políticas da CAPES acharam que os aposentados não serviam para mais nada e nos colocaram para fora do curso, mas só estávamos colaborando. Na Universidade, eu continuo colaborando como consultora do PIBIC, e fora isso, coordeno o curso de geografia da Faculdade Católica que constitui outra oportunidade de curso de Geografia na cidade.

**RO:** *Faça um paralelo entre o curso de Geografia da UFU e da Faculdade Católica, estabelecendo semelhanças e diferenças.*

**SD:** Bom, acho que aqui infelizmente entra a questão do recurso. É outro perfil de curso. Isso não quer dizer que o perfil de curso da Católica não tenha suas qualidades. Lá, nós procuramos dar uma formação para que o aluno possa trabalhar com a informação. A grade de disciplinas é quase a mesma da UFU. Antes da reforma curricular do curso de geografia da UFU, a católica já trabalhava com a reforma curricular do MEC com relação à formação do professor. Como o nosso aluno tem um perfil de aluno trabalhador e com pouco tempo, nós colocamos essas atividades que aqui na UFU são designadas de PIPE, na grade horária do curso de geografia da Católica com outro nome, de Pesquisa e Prática Pedagógica. As disciplinas básicas de geografia são as mesmas que a UFU tem, pois não tem como fugir do currículo mínimo. A Católica, não tem a disponibilidade do aparato físico, de laboratórios, etc. Os trabalhos de campo são feitos com muita dificuldade, mas mesmo assim os alunos os fazem. Então um paralelo que eu faço é que na ausência dos laboratórios nós fazemos os trabalhos práticos. Esses trabalhos têm a conotação de mostrar novos horizontes para os alunos.

**RO:** *Gostaríamos que você deixasse uma mensagem para os alunos do Curso de Geografia.*

**SD:** Eu passei por muitas gerações, e essas gerações estão no mercado de trabalho, são professores da universidade e da rede escolar. Acredito que nós soubemos dar uma boa formação e informação para os alunos desse instituto. A geografia como toda ciência, tem um leque de opções e as novas oportunidades virão para os novos alunos. A formação do geógrafo depende de você querer ser um bom profissional, e minha mensagem é para os alunos da nossa Geografia não se sentirem como os coitadinhos, pois somos capazes de fazer frente ao mercado, a altura de qualquer formação acadêmica. Além disso, aconselho a aproveitarem ao máximo o período de graduação, não deixando de fazer os trabalhos de campo e tudo aquilo que a instituição de ensino oferece fora da sala de aula. A minha mensagem final é que mesmo diante das dificuldades da vida profissional, é possível a realização dos sonhos.